

# Uma revisão da historiografia da arte contemporânea brasileira

Marília Andrés Ribeiro

UFMG/CBHA

## **Resumo**

Proponho discutir o texto “A presença da arte brasileira: história e visibilidade internacional”, de Stéphane Huchet, e mapear a situação da historiografia da arte contemporânea brasileira, tomando como parâmetro as pesquisas e publicações recentes dos historiadores da arte.

## **Palavras-chaves**

História, Arte, Contemporânea

## **Abstract**

I propose to discuss the Stéphane Huchet’s text about “The presence of brazilian art: history and international visibility” and to present the situation of brazilian contemporary art history, based in recent researchs and publications of art historians.

## **Keywords**

History, Art, Contemporary

### Introdução

Penso que é pertinente, neste encontro de historiadores da arte, estabelecer um diálogo entre os pares para refletir sobre a historiografia da arte no Brasil. Para tanto, proponho discutir o texto “Presença da arte brasileira: história e visibilidade internacional”,<sup>1</sup> de Stéphane Huchet, e mapear a situação da historiografia da arte contemporânea brasileira, tomando como baliza algumas pesquisas e publicações dos historiadores da arte.

### Presença da arte brasileira: história e visibilidade internacional

O texto de Huchet pretende analisar a visibilidade cognitiva e pública da arte brasileira no exterior, a partir da revisão da historiografia e das curadorias das exposições internacionais. Huchet considera a alta qualidade da produção artística contemporânea brasileira e a sua visibilidade internacional, através das exposições temáticas, em oposição à discreta produção e à pouca visibilidade da história da arte brasileira no contexto internacional. Distingue a “história brasileira da arte”, escrita pela corporação dos historiadores da arte, da “história da arte brasileira”, aquela que se faz por outras iniciativas como, por exemplo, os textos críticos que acompanham as exposições internacionais. Para Huchet a “história brasileira da arte” não coloca a “história da arte brasileira” no contexto global, ela não participa da “globalidade de trocas de saber em que se determina sua visibilidade histórica e cognitiva”.<sup>2</sup>

Sem dúvida que as exposições internacionais representam uma abertura de caminho para a entrada da arte brasileira na cena internacional, funcionando como um “espaço de mediação” entre a arte e a história da arte. O mérito do texto de Huchet é justamente discutir a contribuição dessas exposições e de suas respectivas curadorias, apontando o debate crítico em torno de cada uma.

O autor inicia a discussão mostrando a importância das exposições sobre a arte latino-americana realizadas a partir dos anos 1980, mas situa a *Latin American Art (1931-1966)*, exposição antológica, organizada por Alfred Barr, no MoMa de Nova York, em 1966, como precursora dessas grandes mostras.

Na sequência, faz referência à mostra *Art in Latin América. The Modern Era (1920-1980)*, organizada por Dawn Ades na Galeria

1 HUCHET, Stéphane. Presença brasileira: história e visibilidade Internacional. *Concinnitas*, ano 9, v. 1, n. 12, p. 48-65, jul. 2008. Publicado anteriormente na *Revue Art Histoire. Cahiers du Centre Pierre Francastel*, n. 5-6, Histoire et historiographie. L'art du second XXème Siècle, p. 229-246, automne 2007.

2 HUCHET, Stéphane. *Op. cit.*, p. 49.

Hayward, em Londres, em 1989. Para Huchet, essa mostra afirma a entrada e a discussão da arte latino-americana no cenário internacional, com crítica favorável de Aracy Amaral e desfavorável de Catherine David.

Outra mostra comentada é *Les Magiciens de la Terre*, com curadoria de Jean-Hubert Martin, realizada no Centre Georges Pompidou e no Halle de la Villette, em Paris, também em 1989. Stéphane a considera uma importante baliza crítica, histórica e museológica, que coloca em questão o olhar do ocidente sobre outras culturas artísticas não comprometidas com o sistema de arte ocidental.

Ainda na discussão da arte latino-americana, o autor critica o recorte histórico da mostra *Arte da América Latina (1911-1968)*, organizada pelo MoMa, em 1993, por não contemplar a produção artística contemporânea. Contrapõe essa mostra à *Ultra Modern. The art of contemporary Brazil*, organizada por Susan Fisher Sterling, no National Museum of Women in the Arts, em Washington, realizada também em 1993. Afirma que essa exposição tem o mérito de discutir os questionamentos pós-modernos sobre a hegemonia dos antigos centros artísticos, apontando um novo olhar sobre a arte e as artistas brasileiras.

Em seguida, Huchet focaliza outras exposições internacionais realizadas em torno da arte brasileira. A mostra que inaugura a presença brasileira na cena francesa é *Modernidade. Arte brasileira do Século XX*, realizada no Museu de Arte Moderna da Vila de Paris, em 1987, com as curadorias de Marie Odile Briot, Aracy Amaral, Frederico Moraes e Roberto Pontual. Nos anos 1990, o autor aponta várias exposições importantes que focalizam a obra de artistas como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Mira Schendel e Ana Maria Maiolino. Essas mostras não só fazem uma releitura dos fundamentos artísticos contemporâneos, como também contribuem para uma reescrita da história da arte brasileira e sua inserção na “paisagem” da história da arte global.

Mas a exposição mais emblemática e mais discutida sobre a arte brasileira é, sem dúvida, *Brazil; Body & Soul*, realizada no Museu Guggenheim de Nova York e de Bilbao, em 2001/2002, com a curadoria de Edward Sullivan. Essa mostra, que foi um recorte da mega exposição *Mostra do Redescobrimento*, realizada em São Paulo, em 2000, com a curadoria de Nelson Aguilar, produziu um catálogo abrangente focalizando os aspectos históricos, antropológicos e estéticos da arte brasileira, desde o descobrimento até o ano 2000. Provocou um debate crítico no contexto americano, contrapondo a arte do primeiro mundo à da periferia. Propiciou também um debate

no contexto brasileiro, em torno do interesse de uma possível construção do Museu Guggenheim no Rio de Janeiro. Huchet coloca, ainda, a importância das parcerias entre instituições internacionais para a realização dessas exposições, mas aponta interesses extra-artisticos nessas parcerias. Como a história nos revelou mais tarde, essas mostras, patrocinadas pelo empresário Edmar Cid Ferreira, participaram de um esquema de corrupção e lavagem de dinheiro, que resultou na “prisão” do empresário.

Outro mérito do texto de Huchet é mostrar a importância das Bienais de São Paulo como um espaço de projeção nacional e internacional da arte brasileira, o que, segundo o autor, acontece “graças ao olhar estrangeiro”. Ele comenta as duas últimas bienais do século XX e a primeira do século XXI.

A XXIII Bienal de São Paulo, realizada em 1996, com curadoria de Nelson Aguilar, propõe um balanço das instituições consagradas à arte e discute a questão do etnocentrismo euro-americano, abrindo espaço para a arte dos países periféricos. Essa Bienal discute também a questão da desmaterialização da arte através de vários olhares, correspondentes aos olhares dos sete curadores convidados.

Huchet considera a XXIV Bienal de São Paulo, realizada em 1998, com curadoria de Paulo Herkenhoff, um “exemplo de integração da história da arte e de uma visão teórica e hermenêutica fecunda e apaixonante, ressaltando criticamente as relações históricas e transhistóricas entre obras e imagens de um ao outro lado do Atlântico”.<sup>3</sup> Herkenhoff trabalha com o conceito ampliado de antropofagia, usando-o como parâmetro relacional intercultural, o que possibilita uma discussão conceitual da antropofagia abordada de diferentes perspectivas, segundo o olhar dos curadores, a partir do Núcleo Histórico. O autor salienta que o texto introdutório de Herkenhoff é uma tomada de posição do Núcleo Histórico da Bienal frente à disciplina História da Arte. Considero a Bienal Antropofágica polêmica, propondo fazer uma releitura da antropofagia no final do milênio, mas pergunto até que ponto ela contribuiu para a discussão da antropofagia na história da arte brasileira? Compartilho com indagação de Maria de Fátima Morethy Couto: a Bienal Antropofágica não seria mais uma diluição do conceito de antropofagia, inserida dentro de um mega evento organizado para o “olhar estrangeiro”?<sup>4</sup>

3 HUCHET, Stéphane. Presença brasileira: história e visibilidade Internacional. *Concinnitas*, ano 9, v. 1, n. 12, p. 61, jul. 2008.

4 COUTO, Maria de Fátima Morethy. *Tupy or not tupy*. A antropofagia hoje. Comuni-

Quanto à Bienal dos 500 anos, realizada em 2000, com curadoria de Nelson Aguillar, focalizando a *Mostra do Redescobrimento*, o autor comenta apenas a ampla participação de curadores brasileiros em detrimento do “olhar estrangeiro”. Ele nos faz entender que a contribuição dos historiadores e curadores estrangeiros é fundamental para a discussão e a visibilidade da arte brasileira.

Sem dúvida, os textos críticos dos curadores das mostras internacionais realizadas dentro e fora do Brasil são referências para a discussão e a visibilidade da historiografia da arte contemporânea brasileira.

Huchet, entretanto, faz uma crítica desfavorável à produção e à divulgação da história da arte brasileira, apontando vários problemas que dificultam a dinamização e a visibilidade dessa produção historiográfica: a situação lamentável da disciplina História da Arte nas universidades e a pouca divulgação das pesquisas de pós-graduação; a ausência de formação epistemológica dos historiadores da arte; e a falta de uma política de traduções e de distribuição editorial.

A análise de Huchet merece uma revisão porque desconhece a qualificação, o profissionalismo e a contribuição dos historiadores da arte brasileira que trabalham na formação de novos cursos de graduação e pós-graduação em história da arte, na elaboração, organização e editoração das revistas universitárias especializadas, e que contribuem com as suas pesquisas e publicações para a construção da história da arte brasileira. As pesquisas de nossos historiadores são discutidas nos congressos, colóquios, fóruns e seminários promovidos não só no Brasil, por iniciativas como as do CBHA, ANPAP, ABCA, e são apresentadas também no exterior, por meio de Congressos organizados pelo CIHA, AICA, CAIA e pelas Bienais Internacionais, como as de Havana, Cuenca, do Mercosul, entre outras. São publicadas nos anais desses eventos e circulam dentro de um campo específico formado por historiadores, críticos, curadores, professores e estudantes, como acontece nos campos das ciências humanas, exatas e biológicas, onde são discutidas as questões específicas e transdisciplinares entre os diferentes saberes.

Quanto à divulgação, Huchet aponta a contribuição dos anais do CBHA, das revistas universitárias (*Gávea*, *Concinnitas*, *Arte&Ensaio*, *Porto Arte*), salientando também a contribuição dos artistas na organização de livros de referência sobre a arte contemporânea, entre eles Ricardo Bausbaum, Maria Ivone Santos e Patrícia Franca. No entanto, parece desconhecer o trabalho realizado por

---

cação apresentada no XXIX Colóquio do CBHA, UFES, Vitória, agosto de 2009.

editoras brasileiras como a Cosac & Naif, C/Arte, Zahar, Martins Fontes, entre outras, que estão publicando e divulgando a arte e a história da arte brasileira.

### **A contribuição dos historiadores para a construção da historiografia da arte contemporânea brasileira**

Após essas colocações, proponho apontar a contribuição dos historiadores da arte para a construção de nossa história da arte. Não pretendo fazer um levantamento completo da historiografia da arte contemporânea brasileira, mas apenas mapear algumas contribuições pertinentes que me ocorrem neste momento.

É indiscutível a contribuição de Walter Zanini para a construção da história da arte brasileira, não só enquanto pesquisador, mas também como educador, incentivador e divulgador da história da arte no Brasil e no exterior. Organizado por Zanini, o livro *História geral da arte no Brasil*<sup>5</sup> constitui uma referência antológica dessa história. Penso que é muito pertinente essa homenagem que estamos prestando, neste momento, ao mestre Walter Zanini.

Outra historiadora que merece homenagem é Aracy Amaral. Ela tem contribuído, de forma guerreira, para a pesquisa e a divulgação da história da arte no Brasil e no exterior. Suas publicações sobre o modernismo, a semana de 22, o construtivismo, os museus, a coleção Adolpho Leirner<sup>6</sup> e a arte latino-americana, entre outras, são referências fundamentais e abertura de perspectivas para o debate da história da arte nas Américas.

Mais uma historiadora exemplar é Annateresa Fabris. Ela também tem contribuído para a pesquisa, o ensino e a divulgação da história da arte brasileira no Brasil e no exterior. Suas pesquisas sobre o futurismo,<sup>7</sup> o modernismo no Brasil e, mais recentemente, sobre a fotografia e as identidades virtuais na arte brasileira,<sup>8</sup> bem como sua reflexão teórica sobre a metodologia da pesquisa em história da arte<sup>9</sup> merecem consideração.

---

5 ZANINI, Walter (Org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles; Fundação Djalma Guimarães, 1983.

6 AMARAL, Aracy. *Arte Construtiva no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1998. (Coleção Adolpho Leirner).

7 FABRIS, Annateresa. *O futurismo paulista*. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1994.

8 FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais*. Uma Leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

9 FABRIS, Annateresa. A pesquisa em história da arte. *Porto Arte*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 25-26, maio 1993.

Na sequência, aponto a contribuição de Ana Maria Belluzzo, que realiza pesquisa e divulgação da arte moderna brasileira no contexto latino-americano, desde o trabalho pioneiro sobre o *Brasil dos viajantes* até a recente pesquisa sobre os textos críticos da arte brasileira no século XX. Esse projeto abrangente marca a presença da história da arte brasileira no Museu de Houston (EUA), onde está sendo organizado um Centro de Pesquisa sobre a Arte na América Latina.<sup>10</sup>

Ainda no contexto da arte latino-americana saliento a contribuição de Maria Lúcia Kern sobre a arte moderna no Cone Sul, focalizando os artistas Torres Garcia e Xul Solar.<sup>11</sup> Pondero também a importância de sua reflexão sobre a historiografia da arte contemporânea e as mudanças de paradigmas teóricos que ocorrem no pensamento ocidental a partir da segunda metade do século XX, servindo como baliza para novas formulações nos diversos campos do saber.<sup>12</sup>

Icleia Cattani é também uma historiadora que tem contribuído para a pesquisa, o ensino e a divulgação da história da arte no Brasil e no exterior. Sua pesquisa sobre a mestiçagem na arte brasileira, envolvendo os alunos da pós-graduação da UFRGS, é um projeto exemplar, cujo tema instigante está presente nas discussões sobre arte contemporânea no âmbito global.<sup>13</sup>

Ainda no contexto das mestiçagens, saliento a importância da pesquisa do historiador Roberto Conduru sobre as manifestações da arte afro-brasileira, que constitui uma releitura crítica e contemporânea desse tema. Seu livro sobre *Arte afro-brasileira*<sup>14</sup> é uma relevante contribuição para aqueles que estão iniciando pesquisas transdisciplinares sobre a cultura brasileira.

Outro historiador que tem contribuído para o avanço do ensino, da pesquisa e da divulgação da história da arte moderna e contemporânea no Brasil é Tadeu Chiarelli. Atua como crítico e curador

---

10 BELLUZZO, Ana Maria. *Arte no Brasil*. Textos críticos. Século XX. FAU/USP, FAPESP e Museum of Fine Arts of Houston. (Pesquisa em andamento)

11 KERN, Maria Lúcia. A crítica de arte argentina e a obra de Xul Solar. In: KERN, Maria Lúcia. *Os lugares da crítica de arte*. São Paulo: ABCA/Imprensa oficial, 2005. p. 171-184.

12 KERN, Maria Lucia Bastos. Arte contemporânea, historiografia e memória. In: *Anais do XXV Colóquio do CBHA*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005. p. 232-240.

13 CATANI, Icleia Borsa (Org.). *Mestiçagens na arte contemporânea*. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2007.

14 CONDURU, Roberto. *Arte Afro-brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

de exposições significativas, a exemplo de Lasar Segall, e também como pesquisador do modernismo, da contemporaneidade e da fotografia no Brasil.<sup>15</sup>

Na perspectiva contemporânea são relevantes as pesquisas de Almerinda da Silva Lopes sobre a arte abstrata no Brasil<sup>16</sup> e a arte contemporânea no Espírito Santo,<sup>17</sup> bem como as reflexões de Maria Angélica Melendi sobre a memória, as intervenções suburbanas<sup>18</sup> e a obra de Rosângela Rennó.<sup>19</sup> Saliento, ainda, as pesquisas de Maria Amélia Bulhões sobre a arte no Rio Grande do Sul<sup>20</sup> e a *web art*,<sup>21</sup> o trabalho de pesquisa e curadoria de Mônica Zielinsky na Fundação Ibere Camargo<sup>22</sup> e as reflexões de Maria de Fátima Morethy Couto sobre a crítica de arte no Brasil.<sup>23</sup>

Não poderia deixar de considerar o trabalho de reflexão de Stéphane Huchet sobre a situação da pintura<sup>24</sup> e da instalação<sup>25</sup> na arte contemporânea, bem como o de curadoria dos artistas brasileiros contemporâneos.

Levo em conta também o trabalho dos demais colegas do CBHA, pesquisadores da história da arte moderna e contemporânea

- 
- 15 CHIARELLI, Tadeu. Informação manipulada: arte brasileira anos 1970/1980. In: *Anais do XVII Colóquio do CBHA*. Salvador, UFBA; Belo Horizonte: C/Arte, 2008. p. 371-378.
- 16 LOPES, Almerinda da Silva. *Arte abstrata no Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009. (no prelo)
- 17 LOPES, Almerinda da Silva. *Arte contemporânea no Espírito Santo*. Vila Velha, Museu Vale, 2008.
- 18 MELENDI, Maria Angélica. Intervenções Suburbanas. *Revista do Instituto Arte das Américas*, v.3, n. 1, p. 81-90, jan.-jun. 2006.
- 19 MELENDI, Maria Angélica; RENNÓ, Rosângela. *Bibliotheca*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- 20 BULHÕES, Maria Amélia (Org.). *Artes plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1995.
- 21 BULHÕES, Maria Amélia. Territórios Imaginados: cartografias e mídias digitais na arte contemporânea. In: *Anais do XXV Colóquio do CBHA*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005. p.171-180.
- 22 ZIELINSKY, Mônica. *Iberê Camargo*. Catálogo Raisonné de Gravuras. São Paulo: Cosac y Naify, 2006. v. 1.
- 23 COUTO, Maria de Fátima Morethy. *Por uma vanguarda nacional*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.
- 24 HUCHET, Stéphane. *Castaño. Situação da pintura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.
- 25 HUCHET, Stéphane. Instalação em situação. In: NAZÁRIO, Luis; FRANCA, Patrícia (Org.). *Concepções contemporâneas da Arte*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 17-45.

brasileira,<sup>26</sup> e dos jovens pesquisadores que estão contribuindo com suas dissertações e teses para reescrever uma nova história da arte no Brasil.

Finalmente, gostaria de registrar o trabalho de pesquisa e divulgação que estou realizando em Minas, focalizando a arte moderna,<sup>27</sup> as neovanguardas<sup>28</sup> e a arte contemporânea Brasileira, esse último pautado pelo projeto Circuito Atelier.<sup>29</sup>

### Conclusão

Penso que a historiografia da arte contemporânea brasileira está se reescrevendo a partir da contribuição dos historiadores da arte, dos artistas, dos críticos, dos curadores, dos editores e de todos os atores envolvidos no circuito artístico. É uma história que está sendo construída, gradativamente, dentro e fora de nossas fronteiras, mas que pretende, cada vez mais, tornar-se reconhecida e alcançar visibilidade internacional.

Finalizo o texto retomando uma advertência de Aracy Amaral, publicada em 1987, a propósito dos questionamentos sobre a discriminação da arte na América Latina.

Vivemos, no caso do Brasil, um momento particularmente vivo na área das artes visuais, com uma geração nova, talvez a mais promissora, depois de vinte anos. Então, que uma política cultural sem paternalismos viciosos, possa projetar a nossa criatividade. E que cada um de nós, historiadores e críticos, em cada país da América Latina, assuma sua responsabilidade na divulgação e no registro da contribuição na área das artes visuais, a despeito de nossas permanentes crises políticas e econômicas.<sup>30</sup>

---

26 Aponto as pesquisas de Blanca Brites, Sheila Cabo Geraldo, Ângela Âncora Luz, Maria Luiza Távora, Vera Beatriz Siqueira, Ivone Luzia Vieira, Maria Eliza Martinez, Ana Maria Albani de Carvalho, Alexandre Santos, Nara Cristina dos Santos, entre outros.

27 RIBEIRO, Marília Andrés; SILVA, Fernando Pedro. *Um século de história das artes Plásticas em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: C/Arte, 1997.

28 RIBEIRO, Marília Andrés. *Neovanguardas. Belo Horizonte, anos 60*. Belo Horizonte: C/Arte, 1997.

29 O Projeto Circuito Atelier é coordenado por mim e Fernando Pedro da Silva, através da C/Arte Projetos Culturais, sediada em Belo Horizonte, e possui até o momento 44 títulos e vídeos com depoimento dos artistas visuais brasileiros.

30 AMARAL, Aracy. *Textos do Trópico de Capricórnio*. Artigos e ensaios (1980-2005). São Paulo: Editora 34, 2006. p. 41-42.